China: algumas projeções para 2005

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

Em julho deste ano o USDA publicou novo relatório de acompanhamento da economia agrícola chinesa, destacando projeções de produção e consumo para 2005. A seguir se divulgam algumas das principais informações contidas no relatório.

Em 1997 a China deverá crescer algo em torno de 10%, bem próximo aos 9,7% obtidos no ano anterior. Também é esperada uma produção total de cereais próxima do recorde obtido em 1996, de 490 milhões de toneladas, permitindo uma redução nas importações líquidas de cereais em relação aos 9,6 milhões de toneladas adquiridos em 1996 (dos quais 8 milhões de trigo).

Segundo o relatório do USDA, a China se encontra na fase ascendente de um novo ciclo econômico, e deverá continuar auferindo os benefícios de seus recentes sucessos no controle da inflação sem queda do crescimento econômico.

Em 1996 as importações agrícolas da China caíram 18,5% em relação ao ano anterior, tanto em conseqüência de uma política interna de estímulo ao plantio de cereais quanto do maior rigor no controle das importações. Ainda assim, o país continuou sendo um importador líquido de produtos cujo plantio exige abundância de solo, como cereais e oleaginosas, além do algodão, enquanto se tornava exportador líquido de produtos hortícolas de alto valor agregado. Esta estratégia, coerente com a dotação de fatores de produção do país e com a teoria das vantagens comparativas, permitiu à China aumentar as oportunidades de emprego de sua grande população rural, tornar eficiente a produção de alimentos como um todo e aumentar a renda agrícola, apesar de só contar com 9% da área agricultável mundial para atender 22% da população mundial.

Embora em termos agregados desempenhe um papel discreto no comércio mundial de produtos agrícolas com uma parcela de 2 a 3% do total, as importações de cereais do país são bastante significativas. Em 1995, por exemplo, as compras chinesas de cereais (em torno de 20 milhões de toneladas) representaram 8% do valor total das vendas mundiais.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO é economista do Centro de Estudos Agrícolas do IBRE/FGV.
E-mail: mjcyhlar@fgv.br

O fato de que a participação chinesa nas importações mundiais tem oscilado intensamente de um ano para outro torna ainda mais relevante essa participação, na medida em que pode afetar significativamente preços e estoques.

Em 1996 as importações chinesas de cereais se reduziram bastante, uma vez que a produção interna reagiu aos estímulos do governo para o aumento do plantio, mas a escassez de terra agricultável teve como contrapartida a redução de outras lavouras como algodão e oleaginosas, cujas importações aumentaram. Assim, por exemplo, a China foi o maior comprador do algodão exportado pelos EUA, com 28% do total, e o sexto comprador de soja norte-americana (6% do total exportado em 1996).

Outro segmento cujas importações deverão crescer é o de insumos para a agricultura.

Em 1995 a implantação da política do saco de cereais (ver *Agroanalysis*, set. 1996) implicou a concessão de maior autonomia aos governos das províncias para administrar as vendas de insumos aos agricultores. Contudo, a estrutura de distribuição de insumos, baseada numa cadeia de empresas fornecedoras de material agrícola em níveis provincial, regional e local, implicava um forte poder de monopólio que fez surgir obstáculos, durante os anos de 1995 e de 1996, ao fornecimento adequado de insumos para os estabelecimentos agrícolas.

Em 1997 o governo central procurou acirrar a concorrência em todos os níveis do mercado. Assim, as indústrias poderiam vender seus produtos não só às empresas fornecedoras de material agrícola de suas províncias mas a várias outras entidades, como empresas fornecedoras de material agrícola locais ou cooperativas de agricultores.

Neste contexto e apesar de que a produção de fertilizantes químicos chinesa se expandiu em 28,4 milhões de toneladas em 1996, as importações também registraram substancial aumento, representando cerca de 25% do consumo aparente de fertilizantes.

Outro segmento que tem se expandido bastante é o da plasticultura. Em 10 anos a quantidade de filme plástico usado pelos agricultores mais do que dobrou em relação às 300 mil toneladas utilizadas em 1987. Esta evolução não se relaciona apenas à expansão da produção hortícola mas à necessidade de recorrer ao plantio de arroz e milho em sementeiras, tanto com a finalidade de aproveitar melhor os períodos favoráveis ao plantio em áreas de clima difícil como pa-

ra se obter mais de uma safra por ano (por exemplo, trigo no inverno e arroz ou milho no verão).

Produção de cereais: algumas projeções

Trigo — Estima-se que a produção chinesa de trigo atinja, em 1997, 114 milhões de toneladas e que daí para a frente cresça a uma taxa de cerca de 0,6% ao ano até 2005. Os rendimentos físicos deverão crescer a uma taxa superior, 0,8%, tendo em conta que os chineses desenvolveram vários híbridos de trigo de inverno com resultados auspiciosos.

As elevadas taxas de crescimento econômico, a melhoria dos níveis de renda e mudanças nos gostos e preferências dos consumidores, bem como o crescimento esperado de 100 milhões de habitantes na próxima década, deverão estimular o consumo do cereal, de forma que o USDA projeta um aumento das importações de trigo para algo em torno de 15 milhões de toneladas em 2005, bem acima dos 9,8 milhões importados na vigência do Oitavo Plano Qüinqüenal (1991-95).

Arroz — A área destinada ao cultivo de arroz em 1997 deverá ficar abaixo dos 31,4 milhões de hectares plantados no ano anterior, enquanto o rendimento físico deverá manter-se em torno das mesmas 6t/ha colhidas. Acredita-se que os agricultores optem por cultivos mais rentáveis como frutas e legumes. As importações do cereal deverão manter-se no patamar de 600 mil toneladas, distribuídas entre arroz de alta qualidade, importado da Tailândia para os consumidores de alta renda, e arroz de qualidade inferior para os pobres urbanos. As exportações de arroz deverão situar-se em torno de 700 mil toneladas.

Nas áreas urbanas verifica-se uma redução no consumo de arroz, na medida em que há uma tendência à diversificação do padrão alimentar. Assim, até o ano 2005 a produção de arroz deverá reduzir-se a uma taxa de 0,4% ao ano, enquanto os rendimentos físicos da lavoura deverão subir cerca de 0,9%, liberando terra para outros cultivos. As estimativas para as exportações de arroz indicam cerca de 400 mil toneladas, e para as importações, 1,5 milhão de toneladas em 2005.

Milho — Em 1996 a produção chinesa de milho alcançou um recorde de 127 milhões de toneladas e o país retomou o lugar de grande exportador, que perdera nos anos anteriores. Espera-se que até 2005 a produção de milho registre crescimento anual médio de 1,8%, na medida em que o crescimento da população e da renda tornam atraente o cultivo do grão para ração animal. O aumento do consumo de produtos de origem animal, contudo, deverá determinar um aumento das importações do cereal, que em 2005 poderão alcançar 8,9 milhões de toneladas. No mesmo período as exportações deverão ficar em torno de 285 mil toneladas (em 1996/97 alcançaram 2,5 milhões). No ano passado, a China aumentou as oportunidades de emprego rural, tornou eficiente a produção de alimentos e elevou a renda agrícola, apesar de só contar com 9% da área agricultável mundial para atender 22% da população mundial.

Tem gente que não tem com quem falar.

Somos todo ouvidos

0800-21-7777

Atendimento exclusivo aos leitores das revistas FGV

Caro Leitor
A Editora Fundação Getulio Vargas quer ouvir o seu maior patrimônio, **VOCÊ.**

Já está a sua disposição a linha **0800**. Você pode fazer assinaturas, tirar dúvidas, dar sugestões, reclamar, elogiar, o que quiser.

A ligação é gratuita.
LIGUE!

FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS
Editora
Praia de Botafogo, 190 – 6º andar
22253-900 – Rio de Janeiro – RJ
Tels.: (021) 536-9197/9110
Fax: (021) 536-9155
e-mail: assine@fgv.br
http://www.fgv.br/fgv.htm